Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 822

30 DE OUTUBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

RIBEIRO DE CARVALHO

CHRONICA OCCIDENTAL

Com toda a solemnidade do costume foi no passado domingo lançada ao rio a canhoneira *Tejo*, construida no arsenal de Lisboa.

Assistiu ao lançamento a familia real e foi a Rainha sr.ª D. Amelia, quem pronunciou as palavras do estylo para que fossem dadas as ultimas machadadas que haviam de permittir que o novo barco da nossa marinha deslisasse desde o estaleiro até dentro das aguas.

Todo o serviço foi admiravelmente executado e a enorme multidão de espectadores applaudiu com enthusiasmo todas as difficeis manobras.

O dia estava esplendido, o Tejo cheio de barcos d'onde milhares de curiosos assistiram ao espectaculo realmente bello.

Segundo opiniões de entendidos, a nova construcção muito honra todos os que para ella concorreram com sua intelligencia e trabalho.

Progride a sciencia em todos seus ramos e vae, como é de justiça, interessando os povos.

O caso do premio Santos Dumont continúa a ser discutidissimo. Os quarenta segundos que o aeronauta levou a mais, indo de Saint-Cloud á torre Eiffel e voltando, não provam absolutamente nada contra a experiencia. Santos Dumont tem o seu nome ligado d'ora ávante a um dos mais notaveis progressos na navegação aerea, tão merecedor de eterna celebridade como a do seu patricio Padre Gusmão, que em Lisboa, muito antes da experiencia dos irmãos Montgolfier, se elevou nos ares.

Que impressão não teria elle produzido aos seus contemporaneos, que viviam, relativamente a sciencia, na maior das cegueiras?

E o peor não era a ignorancia, era a inchação de muitos d'elles.

Quando mais se falava do Santos Dumont, tinha eu á cabeceira o livro de Camillo Castello Branco, *Cavar em ruinas*. N'um encadeamento de idéas vim a pensar n'um livro que um dia encontrei no mercado de S. Bento e cujo titulo me attrahira a attenção: **Theatro do Mundo Visivel**, *filosofico, mathematico, geographico, polemico, historico, politico e critico*, etc., etc., pelo M. R. P. M. Fr. Bernardino de Santa Roza, doutor na Sagrada Theologia, etc., etc. Procurei-o e tive a felicidade de achal-o.

Trata de tudo, como o indica o titulo, do fogo e da lua, do paraizo e das origens do Nilo, dos batuecos e dos americanos, dos antipodas, do unicornio, dos cometas, dos eclipses, do canto dos cysnes, dos planetas, das salamandras, dos homens monoculos e dos acephalos, um dos quaes, com certeza, era elle.

Mas o orgulho d'esse Fr. Santa Roza a dar cabo dos melhores argumentos de que a sciencia dispunha em seu tempo e o que diz da erudição de Feijó!

Todo o livro é escripto em colloquios: um mestre e um discipulo. O mestre, claro está é elle; o que o discipulo responde, elle, Santa Roza, lh'o põe na bocca aberta de espanto.

O que elles dizem um ao outro é effectivamente o que ha de mais pasmoso.

Só para darmos uma idéa do estylo d'este solemnissimo caturra, transcrevemos os ultimos periodos da sua dissertação sobre as marés.

«Isto supposto, segue-se para mim a mais natural idéa do mysterioso fluxo e refluxo do mar que tem sido a cruz de tantos engenhos claros. Digo, pois, que o mar naturalmente pela sua fluidez corre das partes Aquilonares, onde abunda de mais aguas, para as partes do Meyo dia, onde este fluxo quebra, tanto que chega ás praias do mesmo mar, fazendo-as como retroceder em manifesto refluxo: o que manifestamente declaro, advertindo primeiro que todas as partes do Universo cedem ás suas inclinações particulares, quando he conveniente para a conservação do mesmo universo; como se vê na agua que corre e sobe pela fistula contra a sua natural propensão, para que não haja, nem succeda vacuo. Isto advertido, vindo as aguas das partes Aquilonares, em impetuoso fluxo para as partes do Meio dia, e chegando ás suas praias, he preciso que retrocedão com o refluxo, cedendo á sua particular inclinação, porque se passassem adiante, affogariam a terra com diluvios quotidianos, e destruhirião o Universo.

«Este modo de dizer é o que me parece mais expedito para sahir d'este labyrintho da razão, porque sem recorrer ao influxo das causas universaes, nas mesmas aguas do mar, fazendo differença entre as suas situações no Aquilão, e no Meyo dia, supposto a sua natural fluidez do alto para o mais baixo, e conhecendo que todas as partes do Universo cedem ás suas particulares inclinações, para não offenderem a formosura do mesmo Universo, nas mesmas aguas do mar, estamos vendo, como em espelho de crystal, a mais particular razão d'este maravilhoso fluxo e refluxo.»

Depois d'este arrazoado que põe a cabeça em agua á gente, que imaginam que lhe respondeu o discipulo? Ninguem tal supporia, mas sai-se com esta:

«Emfim, depois de ouvir a exposição d'essa clarissima natural idéa do maravilhoso fluxo e refluxo do mar, parece-me que sahiu a minha razão de hum abysmo de confusões, para as amenas auras da verdade!»

Bem se diz que o mundo anda agora ás avessas! Aquelle sahia, quando todos nós entramos!

O que é ainda mais extraordinario é o elogio que fazem ao livro o Reitor do Mosteiro de S. Martinho de Sande, R. José Soares da Affonseca Cardote, que o deu á luz, como lá diz no frontispicio, Fr. José de São Gualter Lamatide e Fr. Henrique dos Serafins, qualificadores do Santo Officio, encarregados da censura, o P. M. Fr. José da Trindade, que o viu por ordem de Sua Magestade e que se alarga por muitas paginas de pomposo estylo. Este faz-lhe pena que Fr. Santa Rosa não tivesse provado que o Paraizo era no Gerez, e prova-o elle. E seguem-se sonetos e sonetos, em hespanhol, em italiano e muitos em portuguez, todos louvando o engenho de Santa Rosa.

Vasco da Gama e Santa Roza foram os grandes heroes de Portugal!

E ahi está com que d'antes se entretinham os engenhos em Portugal. Tem o livro a data de 1743. Até que os da Arcadia trouxeram ás letras um verdadeiro renascimento e voltaram a achar a musica perdida da mais bella das linguas, embora talentos de primeira ordem fulgissem, como nos parece que todos os d'esse tempo deveriam ter esquecido Camões, Rodrigues Lobo, Vieira e mal podiam comprehender o genio de Bernardes e a graciosa lingua em que escrevia.

Tivemos nós sempre este tristissimo sestro de lermos o que ha de peor. A imprensa barateando os seus productos cada vez mais, raras vezes tem posto em mãos de portuguezes um livro bom.

Ao estrangeiro vamos geralmente buscar o que por lá teem de peor. As cadernetas a pataco espalham pelo publico de Portugal os productos cerebraes dos menos que mediocres romancistas francezes, em cujos cerebros não ha ponto de luz mas apenas muitas emmaranhadas teias de aranha. Cultiva-se o mau gosto com verdadeira dedicação.

Por isso não podemos deixar de mencionar n'este logar a apparição em lingua portugueza d'esse extraordinario romance de Dostoielscky, *Crime e Castigo*, ha pouco traduzido por um dedicado amante do que é bello, Camara Lima, que o verteu em portuguez com verdadeiro e carinhoso amor.

Relembraremos aqui que foi o OCCIDENTE das primeiras publicações portuguezas que deu a conhecer aos seus leitores o genial escriptor russo, tão grande como Shakespeare, publicando nas suas columnas o romance *Katia*, primeira parte do *Espirito subterraneo*.

As companhias estrangeiras que, de quando em quando, nos visitam, tambem nos trazem como verdadeiros primores algumas das obras de formidaveis escriptores que até então mal de nome conhecemos. Novelli deu-nos a conhecer Ibsen, Zacconi traz em seu repertorio *O Poder das trevas* de Tolstoi.

E visto que falamos dos primeiros escriptores da actualidade seja-nos licito chamar a attenção dos leitores para o romancesinho que hoje começamos a publicar e cujo auctor, B. Biorson, é o grande rival de Ibsen, tão famoso dramaturgo como o auctor da *Casa da Boneca*.

Tragam-nos os famosos tragicos que nos visitam as grandes peças do theatro moderno e mais facilmente lhes perdoaremos uma ou outra massada de Toscas e C.ª

Della Guardia e Zacconi vão chamar a Lisboa toda a população, que ainda está por essas praias.

O grande bazar de caridade foi a ultima capital noticia que nos chegou de Cascaes. Festa linda, excellente resultado: um bocadinho menos de miseria, d'essa que tão pavorosa se nos mostrou no caso da pobre mãe, ha pouco absolvida na Boa Hora, depois de ter querido suicidar-se e matar seus tres filhos.

Um caso triste, de que nos desviaremos para não terminar com lagrimas esta chronica, contando uma anecdota da Boa Hora.

Um fadista. Pergunta-lhe o juiz:

— Como se chamava seu pae?
— Não sei.
— Sua mãe?
— Não sei.
— Pois v. não teve pae nem mãe?
— Não, sr.
— Como veiu então a este mundo?
— Sahi n'uma rifa!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

RIBEIRO DE CARVALHO

Auctor do livro de versos «Terra de Portugal»

Poeta, verdadeiramente poeta, Ribeiro de Carvalho é um nome definitivamente adquirido para a litteratura portugueza. A sua obra consta já de quatro livrinhos encantadores, que logo prenunciaram o bello artista que desferia aquelles primevos cantos, cheios de amôr e de ingenua graça.

Livro d'um sonhador (1897) *Margaritas* (1898) *Dolores* (1899) *Terra de Portugal* (1900) são os titulos dos seus livros, sahidos um cada anno, guardando todos um crescente progresso, que decerto se accentuará no livro prestes a entrar no prélo *O triste fado*.

Terra de Portugal, que suggestivo titulo! E assim o poeta fala-nos de tristezas e de glorias, das mais carinhosas lendas do paiz, e evoca, na saudade do passado, toda a alma extraordinaria d'este bom povo de poetas e marinheiros.

Terra de Portugal é o livro de um poeta portuguezissimo, escripto para ser lido por quantos sabem amar a sua patria, por quantos sabem ter fé.

Ribeiro de Carvalho não é demolidor. Edifica e captiva o leitor, commovendo o docemente, cantando-lhe dôres e alegrias, que não são suas apenas, mas de todos os que vivem e sentem n'este valle de lagrimas. E o leitor que encontra no *Terra de Portugal* um livro consolador, relê os suavissimos carmes com um infinito agradecimento.

Por isso, os nomes dos poetas que sabem fazer vibrar em dulcissimos accordes a nossa alma nos serão sempre queridos.

Com o seu ultimo livro de versos Ribeiro de Carvalho offerece-nos mais uma prova d'esta sympathia, e proporciona a quantos o lêrem a deleitosa satisfação que um espirito sonhador busca vagamente.

Bom poeta, poeta, patriota extreme, cantor dos encantos da nossa terra, aqui fica com o vosso retráto a homenagem sincera devida ao verdadeiro talento.

MONUMENTO AO DUQUE DE SALDANHA

O heroe da guerra peninsular, o lidador das façanhas de Montevideu, o propugnador das immunidades liberaes nas campanhas do Porto, o marechal duque de Saldanha terá, emfim, um monumento que o rememore condignamente. Devese este padrão de gloria ao digno par do reino sr. D. Luiz da Camara Leme, antigo ajudante de campo do marechal, que assim quiz prestar homenagem a uma das maiores figuras militares da historia portugueza no ultimo seculo.

Já em 1889 o distincto parlamentar tinha conseguido que se abrisse um concurso para esse fim, mas que logo ficou sem effeito. Realisou-se outro, em 1890, sendo approvado o projecto apresentado pelo esculptor Thomaz Costa, e que a nossa gravura representa.

Foi ultimamente assignado o contracto entre o governo e aquelle esculptor, e o monumento que terá 10,m60 de altura será erigido na rotunda das Picôas, devendo estar concluido dentro de tres annos.

Compõe-se de um pedestal dorico de base quadrangular, a cujas arestas adherem columnas da mesma ordem, encimadas de capiteis cannelados.

O pedestal tem, na parte superior de cada face, motivos de ornamentação onde estão gravadas as datas mais notaveis da vida do marechal.

Na base do pedestal e face anterior, destaca-se o altar da Patria, tendo proximo de um dos vertices superiores, desenrolado, um pergaminho onde estão estampadas as armas nacionaes.

O frontal é adornado de um festão de flôres. Sobre o altar ergue-se a figura da Victoria, trajando roupagens levissimas, que deixam transparecer as formas. Na mão direita a espada, offerenda feita ao heroe, na esquerda as palmas symbolicas.

A estatua do marechal pousa sobre um sócco assente no entablamento do pedestal. De pé, a mão direita indicando um ponto do horisonte, na mão esquerda a espada. No braço esquerdo, um manto traçado garbosamente, completa a sua figura, consolidando a ligação da figura com o sócco.

A estatua do duque de Saldanha respira altivez, dando ao observador a necessaria impressão de elegancia e gentileza, que tanto distinguiam o illustre marechal.

GUERRA NA AFRICA DO SUL

Os refugiados boers em Alcobaça

Os *boers* refugiados em Portugal estão, como se sabe, distribuidos por diversas localidades do nosso paiz, onde foi possivel o seu alojamento com as necessarias cautelas. Thomar, Alcobaça, Peniche e Caldas da Rainha foram as terras escolhidas, que são das mais bonitas de Portugal. Nas dependencias do convento de Christo estão alojados os de maior categoria. São elles o general Francisco Pienaar, que conta 44 annos de edade e começou a guerra contra os inglezes no posto de major, sendo promovido a commandante e depois a general, como recompensa dos actos heroicos praticados durante a campanha; John e Ernesto Pienaar, seus filhos, que foram feitos prisioneiros em Elandslaagte, conseguindo o primeiro evadir-se apóz sete mezes de captiveiro, e sendo o outro posto em liberdade, graças á intervenção do governo portuguez, solicitada por seu pae, o general Pienaar; Philip Pienaar, sobrinho d'este ultimo e seu secretario militar, que foi chefe de telegraphistas e se distinguiu bastante no cerco de Ladysmith, acompanhando tambem o presidente Steijn na arriscada marcha de Bethlehen a Machadodorp, e, finalmente, F. Eksteen, official de commissariado e ajudante do general Pienaar.

Em Alcobaça, de cujo quartel damos a vista da fachada principal, estão no Deposito uns duzentos e setenta refugiados, que são: transvaalianos, orangistas, *afrikanders* do Cabo, hollandezes, allemães, italianos, etc.

A nossa estampa representa esses emigrados acolhidos á hospitalidade portugueza. A sua frente vê-se tres officiaes portuguezes, que eram ao tempo da photographia, o commandante do deposito, um tenente seu ajudante e um alferes da administração militar.

INCITAMENTO [1]

Ao Atheneu Commercial do Porto

Como o soberbo, caudaloso Douro,
Que ora, manso, permitte ao mar entrada,
E te leva a abundancia desejada,
Do commercio o thesouro,
Ora, insoffrido, se entumece e alteia,
Corre veloz, as margens acommette,
Nada, nada o refreia,
E contra o mar, indomito, arremette,
Assim tu és, ó Porto, sempre forte,
Quer da paz no regaço,
Quer arrostando a morte
Com teu constante, destemido braço,
Tu activa cidade,
Severa, infatigavel luctadora,
No continuo lidar de cada dia,
Tu que em tuas muralhas
Acolheste a fugida liberdade,
E a fizeste senhora,
Depois de em cem batalhas
Destroçares a feia tyrannia.

Porque assim lidas tanto,
Porque és tão denodada,
E, se urge, deixas, sem soffrer quebranto,
O pacifico trato pela espada
Com razão te envaideces,
E em todas as partes
Do orbe resplandeces;
Mas de amar a sciencia,
De amar as bellas artes
Por isso não te esqueces,
Nem de perpetuar teus altos feitos,
Nem d'entre os que te devem a existencia
Esses que foram pelo céo eleitos
Para, com fama excelsa e merecida,
Gosar eterna luz eterna vida.

Já dentro de teus muros
Ha muito que erigiste ao cerco egregio,
Desafiando os seculos futuros,
Um monumento regio,
Marco do teu valor, pharol que indique
Da escravidão os miseros escolhos.
Já, mais acima levantando os olhos,
Do filho teu, do generoso Henrique,
Do que deixou na terra immenso rasto,
Vencendo o ignoto, os homens, as procellas,
Patenteando ao mundo o pego vasto,
Do que tornou maior a nossa historia,
Por premio, por memoria,
Tu a estatua, magnanima, cinzelas.
E já hoje, que um seculo completa
O revolver dos annos,
Após que foste berço ao gran poeta,
Que fulgura entre os vates soberanos,
De ti, de todos nós brazão preclaro,
A Garrett, o divino,
Já hoje de mãe terna o affecto raro
Te leva a conceber o pensamento
De alçar-lhe um monumento,
Como o pede seu genio peregrino.

E quem mais t'o merece?
Quem, depois de Camões, ha conquistado
Melhor nas letras e mais verde palma?
Quem, depois de Camões, do nosso povo

---

[1] *Reflexos, poesias de Ramos-Coelho*, Lisboa, Typ. Castro Irmão, 1898, pag. 228.

Na sua resumiu a grande alma
Como elle, o trilho usado
Largando, e abrindo outro caminho novo?
Em quem mais a sua alma reflorece?

Quem o egualou do estylo na elegancia
Ou no verso ou na prosa,
No estylo, unico, seu, inimitavel,
Grave, singelo, artistico, adoravel?
Quem do nosso passado na fragrancia,
Quando neste, sagaz, escolhe os themas
Com que nol o retrata em seus poemas,
No drama, na comedia graciosa?

Ufana, os restos seus guarda Lisboa,
E com razão te inveja
Tel o por filho; como seu o acclama
Inteiro Portugal; e o mundo inteiro,
Ouvindo o pregoeiro
Brado da illustre fama,
Que dia a dia mais e mais resoa,
Como filho o contar tambem deseja.

Não te demores pois; á justa ideia
Siga o effeito. Já que o ser lhe déste,
Que és apenas madrasta ninguem creia,
Nem que de amal-o e honral-o a vez cedeste.

E não, não cederás, porque o não deves,
Porque seria imperdoavel falta;
Nem a isso te atreves;
Porque assim mais teu nome inda se exalta;
Porque então só, real o teu intento,
Só então, completada a trilogia
Dos astros do teu puro firmamento,
Tu poderás dizer com ufania:
Meu monumento fiz no monumento
Á liberdade, á gloria, á poesia.

Ramos-Coelho.

ESORTAZIONE

(VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO)

All Ateneo Commerciale di Porto

Come il superbo Doro
Che or calmo lascia al mar libera entrata,
E a te trae l'abbondanza desïata,
Del commercio il tesoro;
Ora si gonfia e irrompe alteramente,
Corre veloce, i margini conquassa,
Nessun freno consente,
E fin cozza col mar e gli fa guerra;
Tale, o Porto, tu sei. Tu sempre forte
O in seno della pace,
O affrontando la morte
Con un valor che a tema non soggiace;
Tu, cittade severa,
Attiva, infaticabil battagliera
Nelle continue lotte della vita,
Tu, che fra le tue mura
Accogliesti la libertà sbandita,
La creasti regina,
Dopo compiuta in cento aspre battaglie
D'un tirannico regno la ruina.

Perchè ti agiti tanto,
Sei tanto coraggiosa,
E sai, nell'ora del cimento, armare
Di spada il braccio uso ai lavori industri,
A ragion meni vanto,
E vola di te fama gloriosa
Fra le genti dell'orbe colte e illustri;
Però di amar la scienza,
E all'arti belle dar culto sincero
È tuo gentil pensiero,
Nè lasci di eternar tue glorie eccelse,
Nè di quei, che a te devon l'esistenza,
E che ad alto destino il Ciel prescelse,
Ti scordi di esaltar l'arte e l'ingegno
Con che rèsero onore al Luso regno.

Già dentro de' tuoi muri
Tu innalzasti un regale monumento
Che sfidi il tempo, e ai sècoli futuri
Narri in sublime accento
Il tuo valor, e sia faro che irraggi
Di tirannide gli atti empi e selvaggi.

Ti vedo altrove a modellare intenta,
Per premio e per memoria,
Una statua a un tuo figlio, a quell'Enrico
Che impressa in terra una indelebil orma,
Apriva un' era nuova nella storia,
Squarciando al mondo il velo dell'ignoto,
Scoprendo nuove plaghe e un mar remoto,
Del nome Lusitano a immortal gloria.

Ed oggi, che una lunga serie d'anni
Un sècolo completa
Dacchè tu fosti culla al gran poeta
Che tien fra i vati un de' più eccelsi scanni,
A colui ch' è tuo onore sempiterno,
A Garrett, il divino,
Oggi, ispirata da un amor materno,
Concepisti un sublime pensamento
D'alzare un monumento
Degno di questo genio pellegrino.

E chi ne è mai più degno?
Chi mai, dopo Camões, ha conquistato
Fama più bella, onor più meritato?
Chi mai, dopo Camões, scrutò, come esso,
Del popol nostro la grand'alma; e, smesso
L'uso vetusto, aprì nuovo cammino?
E in chi mai, più che in lui, brillò quest'alma?
Chi d'eleganza gli può tor la palma,
Nella prosa o nel verso,
In quel suo stil d'una ideal purezza,
Semplice, grave, imaginoso e terso?
Chi gli sta a par, quando ei nella ricchezza
Dei nostri fasti sceglie i più bei temi,
E riviver li fa nei suoi poemi,
E in drammi che ne eternan la memoria,

O in comedie eleganti?
Le spoglie sue serba or gelosamente
Lisbona bella, e di Te invidia sente,
Di Te, che fosti madre a tanto figlio.
Intanto il mondo intero,
Scosso all'applauso unanime sincero,
Con che il gran vate Portogallo acclama,
Suggella col suo plauso sì alta fama,
E come proprio figlio lo proclama.

Dunque non indugiar. Al gran progetto
Segua tosto l'effetto;
Perchè niun creda ch'ora sei matrigna,
Tu, sua madre benigna.
Ma no: a nessun tu cederai l'onore
D'esser la promotrice
Di idea così felice,
Perchè tu stessa n'avrai merto insigne.
Così si compirà la trilogia
Degli astri del tuo puro firmamento,
E potrai dir con vero fondamento:
Tre monumenti alzai,
Con essi consecrai
E gloria, e libertade, e poesia.

EXHORTATION À L'ATHÉNÉE COMMERCIAL DE PORTO

(Versão do sr. H. Faure) [1]

Tantôt, dans un calme parfait, le Douro superbe offre un libre accès à la mer, et il apporte dans ton sein, ô Porto, l'abondance attendue, avec les trésors du commerce; tantôt, au contraire, il se courrouce, gonfle et soulève ses eaux, court avec impétuosité, mord ses rives, et sans être arrêté par aucun obstacle, se précipite au devant des flots indomptés de l'Océan.

Porto, ce fleuve est ton image: toujours forte et puissante, soit en pleine paix, soit en face de la mort, que repousse ton bras résolu et infatigable, tu restes, toi, une cité active et redoutable, luttant, sans te lasser jamais, dans la bataille qui chaque jour recommence. C'est dans tes murs que trouva un asile assuré la Liberté errante et fugitive; c'est par toi qu'elle triompha, par toi qui, dans cent combats avais abattu la hideuse tyrannie.

C'est parce que tu sais ainsi combattre avec ardeur, déployant un vrai courage, et, quand il le faut, délaissant pour l'épée les travaux pacifiques, que tu as le droit de t'énorgueillir, et que ta gloire resplendit jusqu'au bout de l'univers. Mais tu ne sacrifies, pour cela, ni le culte des sciences, ni l'amour des lettres; tu sais perpétuer la mémoire de tes hauts faits, te aussi celle des grands hommes à qui tu as donné le jour, ceux qui furent les élus du ciel, à qui il réserva une brillante et juste renommée, et à jamais la lumière de l'immortelle vie.

Voilà longtemps déjà que, dans tes murs, en souvenir d'un siège héroique, tu as élévé, défiant les outrages des siècles à venir, un admirable monument, qui atteste ta valeur; c'est un phare brillant, dont l'éclat permet de voir les tristes écueils de l'esclavage.

Déjà, portant plus haut tes regards, tu as voulu consacrer la mémoire du prince Henri: à ce fils généreux, qui a laissé ici-bas un si profond souvenir, triomphant de l'inconnu, des hommes et des éléments déchainés, ouvrant à l'activité humaine l'immensité de l'Océan et inscrivant ainsi une page glorieuse de plus dans nos fastes, tu as donné pour récompense, ville au grand coeur, une magnifique statue.

Et aujourd'hui que le cours des années complète un siècle, depuis que tu as été le berceau du grand poète, qui resplendit au milieu des princes de la poésie, et qui fait ta gloire, comme il fait celle du Portugal, ta généreuse affection de mère tendre et dévouée te suggère la noble pensée d'élever au divin Garrett un monument digne de son rare génie.

Et qui, mieux que Garrett, mériterait, de ta part, un pareil témoignage? Qui, mieux que lui, depuis Camoens, a conquis dans le domaine des lettres, une palme glorieuse et toujours verdoyante? Qui, depuis Camoens, a mieux résumé dans son âme la grande âme de notre peuple, abandonnant la route parcourue et en ouvrant une nouvelle? Qui fut son égal pour l'élégance du style, soit en vers, soit en prose? Qui, comme lui, a su fouiller, avec art, notre glorieux passé et y puiser de beaux sujets de poèmes, de drames, de piquantes comédies? [1]

Lisbonne est fière de garder ses restes mortels, et c'est avec raison qu'elle t'envie ce fils, que le Portugal tout entier réclame comme sien, que l'univers, attentif au bruit flatteur que fait, chaque jour davantage, sa noble et illustre renommée, voudrait aussi pouvoir compter au nombre de ses enfants.

Ne tarde donc plus: une idée juste doit être promptement suivie d'effet; puisque tu lui as donné l'être, il ne faut pas qu'on puisse croire que tu es une marâtre, ni que tu as cessé de l'aimer et de l'honorer.

Non, non, jamais tu ne cesseras de le faire, parceque tu ne le dois point, parceque ce serait, de ta part, une faute impardonnable. Non, tu ne le voudras point, parceque l'honorer c'est t'honorer toi-même. Alors seulement, par la réalisation de ce projet, sera complète la trinité des astres de ton beau ciel, et tu pourras dire, avec un juste orgueil: j'ai composé mon propre monument du triple monument élevé à la Liberté, à la Gloire et à la Poésie!»

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 821)

1897-1898

Lohengrin, de Wagner, em 15 de janeiro, por De Lerma (e depois Litvinne), Parsi, Grani (e depois Cartica, e depois Garulli), Ancona (e depois Bellati), Contini, Candella.

Fausto, de Gounod, em 20 de janeiro, por De Lerma, Rosa Garavaglia, De Sandre, Cartica, Bellati, Contini, Candella.

Gli Ugonotti, de Meyerbeer, em 26 de janeiro, 3.ª recita de assignatura extraordinaria, por Felia Litvinne, (e depois De Lerma), Biondelli, Parsi, Lina Garavaglia, Cartica, Bourgeois (e depois Rovira), Ancona (e depois Bellati), Contini, Ragni, Candella, Barbieri, Fiesoli, Saporetti, Ghidotti.

Mario Wetter, de Augusto Machado, em 7 de fevereiro, 4.ª recita de assignatura extraordinaria, por Tetrazzini, Parsi, Lina Garavaglia Anastasi Pozzoni, Bellati, Polonini, Ragni, Ghidotti.

Rigoletto, de Verdi, em 11 de janeiro, 6.ª recita de assignatura extraordinaria, por Biondelli, Rosa Garavaglia, Lina Garavalia de Sandre, Cartica, Francisco Andrade, Contini, Candelli, Ragni, Negri, Barbieri.

Crispino e la Comare, dos irmãos Ricci, em 21 de fevereiro (só por mulheres), por Tetrazzini (Crispino), Biondelli (il contino), Parsi (dr. Fabrizzio), De Lerma, Rosa Garavaglia (Mirabolano), De Sandre (D. Andrubal), Lina Garavaglia. No final da opera, deu-se a canzone napolitana, *Funiculi-Funicolá*, por Tetrazzini, Parsi, etc., e coros.

Sansone e Dalila, de Saint-Saëns, em 5 de março, 8.ª recita de assignatura extraordinaria, por Parsi, Alfonso Garulli, Contini, Ragni, Polonini, Candella, Fiesoli.

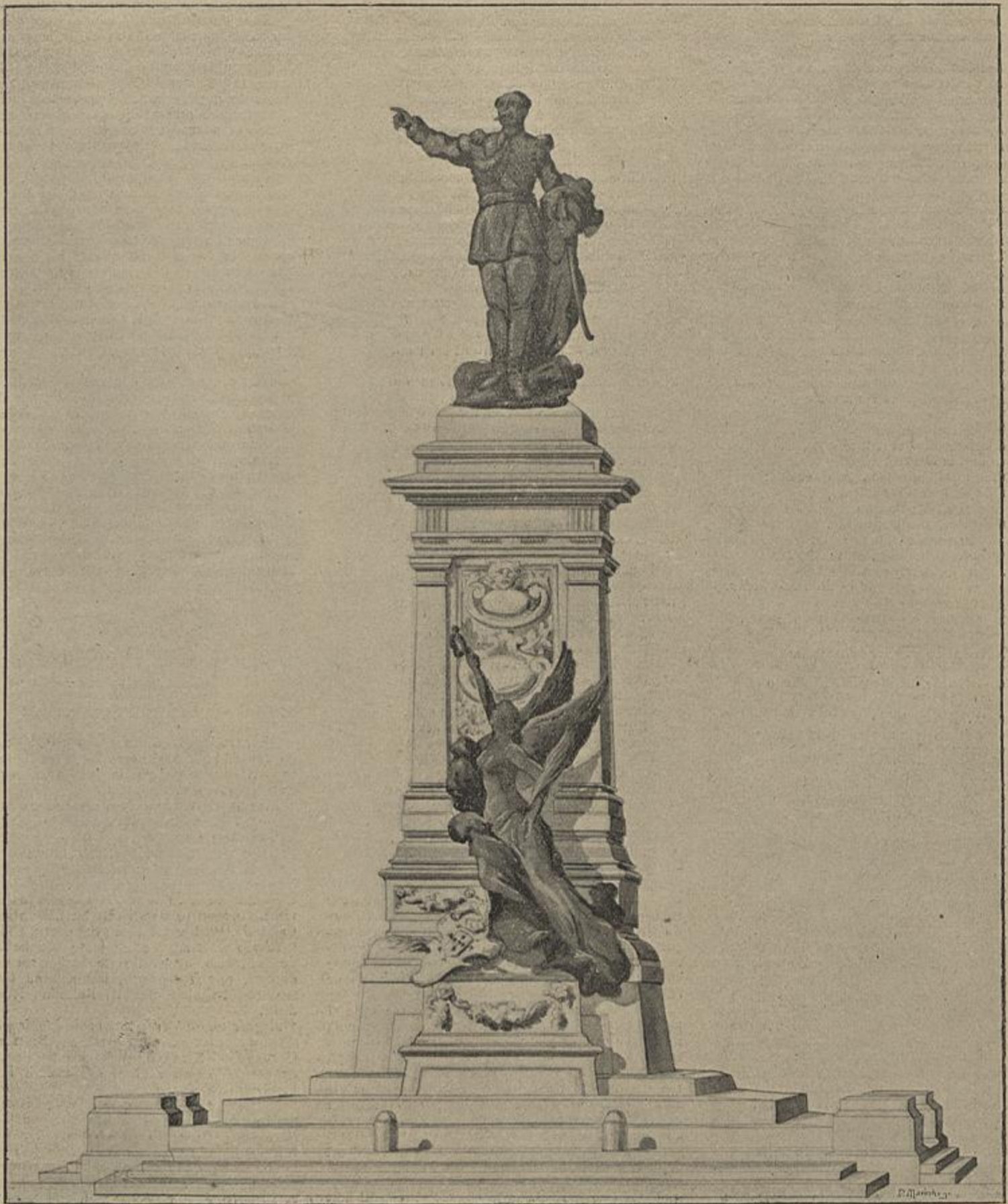
La Bohéme, de Puccini, em 9 de março, 9.ª recita de assignatura extraordinaria, festa artistica de Eva Tetrazzini, por Tetrazzini, Biondelli, Cartica, Bellati, Contini, Ragni, Polonini, Fiesoli, Ghidotti.

Em 2 de janeiro de 1897, dia de gala, pela abertura do parlamento, deu-se a opera *Pagliacci*; tendo adoecido a dama Giulia Biondelli, foi substituida por De Lerma.

Em 9 de fevereiro do mesmo anno, realisou-se, em 5.ª recita de assignatura extraordinaria, a festa artistica do barytono Ancona; deu-se a opera

---

[1] O conhecido traductor do poema *Camões* de Garrett

[1] As omissões que ha n'este paragrapho procedem de ser feita a versão pelos jornaes em que sahiu a poesia, e não pelos *Reflexos*, onde elle foi alterado e dividido em dois.

MONUMENTO AO DUQUE DE SALDANHA — Projecto do esculptor sr. Thomaz Costa

Pagliacci, de Leoncavallo, e o 3.º acto da opera *Ernani*, de Verdi, por De Lerma, Grani, Ancona, Contini e Ghidotti. No fim do espectaculo cantou Ancona, acompanhado ao piano pelo maestro Campanini, as romanzas *Cuando tu sarai vecchia*, e *Aprile*, de Tosti, e *Amour captif*, de Chanimode. Foi muito victoriado o beneficiado.

Em 22 de de fevereiro, terça feira gorda, houve recita extraordinaria fóra da assignatura; deu-se a opera *Crispino e la Comare*, de Ricci, e depois houve baile de mascaras, sendo as decorações de Rovescalli, de Milão.

Em 1 de março, em 7.ª recita de assignatura extraordinaria, debutou o tenor Alfonso Garulli, na opera *Lohengrin*, de Wagner. Era o terceiro tenor que n'esta epocha fazia o papel de Lohengrin; pois o primeiro fôra Grani, que, tendo sido pateado na primeira recita, foi substituido por Cartica.

Em 9 de março, em 9.ª recita de assignatura extraordinaria, como já ficou dito, realisou-se a festa artistica da dama Eva Tetrazzini; deu-se a opera *Bohéme*, de Puccini; no fim cantou Tetrazzini os seguintes trechos: *Santa Lucia*, *El Paletó*, em hespanhol, e a canção napolitana *Funicoli-Funicolá*, acompanhada de coros. Teve muitos applausos, flores e dadivas. Foi conduzida a sua casa, no Chiado, por cima do Club-Turf, na carruagem do conde de Fontalva, acompanhada por uma marcha *aux-flambeaux* e musica.

Em 11 de março, em 10.ª recita de assignatura extraordinaria, verificou-se a festa artistica de Parsi; deu-se a opera *Sansone e Dalila*, de Saint-Saëns. No final Armida Parsi cantou *amore e maggio*, e *serénade*, de Gounod. Os amigos do ex-emprezario Freitas Brito, promoveram grande ovação á cantora, na qual foram bem secundados pelo publico. Parsi recebeu muitas flores e dadivas, e foi muito victoriada, e levada a casa, no Hotel Borges, ao Chiado, com grande acompanhamento.

Em 16 de março, em 11.ª recita de assignatura extraordinaria, foi a despedida de Armida Parsi; deu-se a opera *Sansone e Dalila*, de Saint-Saëns.

Em 18 de março, em 12.ª recita de assignatura extraordinaria, foi o debute da dama Ernestina Bendazzi Garulli, e a festa artistica de seu marido o tenor Alfonso Garulli. Deu-se a opera *Carmen*, de Bizet.

Em 22 de março, em beneficio do Instituto Ul-

A Guerra na Africa do Sul

OS REFUGIADOS BOERS EM ALCOBAÇA — QUARTEL

verso, traduzida do hespanhol, por Lorjó Tavares. Foi desempenhada por Palmyra Bastos, Ferreira da Silva e Pinto Campos.

Acompanharam ao piano os maestros Cleofonte Campanini e Manuel Gonzalez.

Rendeu este beneficio 1:763$750 réis.

Cantaram em concertos da Real Academia de Amadores, no salão da Trindade, a dama Mathilde de Lerma, em 31 de janeiro de 1898, na festa dada em homenagem a Joaquim Mousinho de Albuquerque, Armida Parsi Pettinella, em 23 de março, e o tenor Carlo Cartica em 2 de abril, em beneficio do maestro e violinista Victor Hussla.

Apresentava a primeira companhia lyrica que José Pacini organisou para o theatro de S. Carlos, alguns artistas de muito merecimento, e já conhecidos, alguns mesmo do publico de Lisboa, e outros de reputação, pela carreira brilhante feita por alguns dos principaes theatros lyricos estrangeiros. Havia, além d'isso, grande numero de vozes frescas, bonitas e sãs.

Francisco Andrade, o famoso barytono, actor consumado, tão applaudido em Lisboa, e de resplandescente fama nos theatros da Allemanha, era anciosamente esperado pelo publico de S. Carlos, que tantas maravilhas ouvira dos seus triumphos nas scenas germanicas, e que desejava verificar a verdade d'essa fama. Foi mesmo o seu nome no elencho, um dos factores da collossal affluencia de assignaturas a camarotes e plateia.

O seu debute, que se verificou na sexta feira, 11 de fevereiro de 1898, foi uma grande decepção para o publico; um desgosto profundo para o artista; um embaraço enorme para a empreza, e tambem um motivo de inesperado lucro para esta.

O publico acolheu Francisco Andrade, apenas se apresentou em scena, com uma ovação delirante e estrondosa, como poucas vezes se tem feito em Lisboa; pois em geral, o publico aqui gosta de ouvir antes de se pronunciar, com a ideia de que talvez o cantor já esteja estragado! Um artista italiano talvez se não apresentasse, em uma reapparição, em uma sexta feira; pois ainda é para muitos dia de mau agouro.

Disse-se que Francisco Andrade estava doente; se tal boato representava a verdade, o celebre barytono não devia ter cantado. Outros affirmavam, entre elles alguns cantores da companhia lyrica, que estava completamente estragado; se era verdade, e o proprio se conhecesse a si mesmo, ainda menos deveria ter voltado á scena de Lisboa.

tramarino, houve 1.º e 3.º actos da opera *Bohème*, de Puccini, 4.º da *Carmen*, de Bizet, e 4º do *Otello*, de Verdi.

Em 24 de março, em beneficio da Associação dos jornalistas de Lisboa, houve um variado sarau.

Cantaram: Carlo Cartica, romanza da opera *Gioconda*, e outra; Alfonso Garulli, a romanza *Aprile*, de Tosti, e outra; Parsi, romanza da opera *Gioconda*, e outra; Bendazzi, *Vieille chanson*, de Bizet, e masurka de Chopin, Julia Saragoci e Julio, da companhia de zarzuela do theatro D. Amelia, o duetto de *Año pasado por agua*, e Concepcion Cubas e Julio Nadal o duetto de *Chateau Margaux*.

Recitaram: Lucilia Simões, *bôca*, em verso, de Manuel Penteado; Rosa Damasceno, *noivado*, em verso.

Representou-se a farça *Zé Palonso*, de Gervasio Lobato, Lopes de Mendonça e João da Camara, por Eva Tetrazzini, Virginia da Silva, Jesuina Marques, Francisco Taborda, Augusto Rosa, João Rosa, Augusto de Mello, Guilherme Ferreira da Silva, cantando Tetrazzini uma romanza e varias canções e fados nacionaes.

Representou-se tambem a comedia *uma aposta*, em

REFUGIADOS BOERS EM ALCOBAÇA — UM GRUPO

Fosse como fosse, a decepção foi colossal. Mas o publico, contra os seus habitos, respeitou a fama do seu compatriota, não deu o menor signal ruidoso de ouvir uma voz tão roufenha, e um canto incorrecto e descorado; pelo contrario, manteve-se ou em silencio, ou mesmo, em alguns trechos, lhe prodigalisou alguns escassos applausos.

Francisco Andrade declarou-se doente, embora a recita se concluisse. Não cantou mais durante a epocha, e rescindiu o contracto, lucrando assim o emprezario as quantias, que deixou de lhe pagar, pelas recitas que não cantou.

Eva Tetrazzini reappareceu com o mesmo talento, e a mesma maestria; sempre a grande artista já apreciada, annos antes, pelo publico do theatro de S. Carlos. A voz estava bastante fatigada, mas ainda era o sufficiente, apesar da respiração por vezes difficil, para permittir á prima donna realçar os seus grandes recursos, como cantora e como actriz. Foi muito bem acolhida, e conservou durante toda a epocha o agrado do publico.

Zélie de Lussan era uma formosa mulher, alta, de figura esbelta e flexivel, e de fórmas esculpturaes.

Nunca se encarnou na *Carmen*, de Bizet, belleza de tal quilate. Como actriz foi notavel no desempenho d'este papel. O seu orgão vocal e methodo de canto, porém, eram apenas regulares.

O publico não se enthusiasmou com Lussan; e os poucos applausos que lhe prodigalisou, foram acompanhados de alguma pateada dos inimigos da empreza.

Félie Litvinne tinha uma boa voz de soprano; como cantora era apenas regular. O seu canto era, em geral, frio e descorado. Entretanto, na opera *Lohengrin*, de Wagner, era distincta, e dava uma interpretação bastante adequada ao papel de Elsa.

Foi a dama Litvinne friamente acolhida pelo publico no seu debute na opera *Ugonotti*, de Meyerbeer. Estava com muito medo a cantora; a friesa do publico mais a assustou, e declarou-se doente, e pediu desculpa de não cantar como desejava; apesar da desculpa foi pateada pelos inimigos do emprezario. Na opera *Lohengrin*, porém, foi bastante applaudida.

Armida Parsi Pettinella, era uma mulher bonita, de porte magestoso, e encorpada, com uma deliciosa voz de meio soprano, extensa, egual, forte e pastosa. Possuia bello methodo de canto, e era artista intelligente e consciencio-a; era, porém, fria, o que prejudicava, muitas vezes, a acção dramatica. O publico sympathisou com ella e applaudiu-a sempre muito, mesmo quando o não merecia; é verdade que para isso concorreu muito a attitude dos inimigos da empreza, como já ficou dito.

(Contínúa) *F. da Fonseca Benevides*

INDUSTRIA NACIONAL

(Anniversario de uma fabrica de fitas e cordões de seda e algodão)

No dia 19 do corrente, gentilmente convidados pelos proprietarios da *Fabrica de fitas, cordões de seda, e algodão*, sita na Rua das Fabricas das Sedas N.os 27 a 31 e N.º 22 da mesma rua, tivemos o prazer de assistir á festa commemorativa do primeiro anniversario da fundação d'aquelle estabelecimento fabril.

Particularmente affectos ao estudo das nossas industrias, accorremos ao amavel convite feito ao Occidente, procurando colher alguns elementos sobre uma industria forçosamente interessante.

A nova fabrica assenta em parte sobre as ruinas de uma outra que ha um quarto de seculo cessou a sua laboração e que parece teve origem em 1808, sendo seu fundador João Elias Opiá, fabricante de sedas em Hespanha, que fôra prisioneiro dos francezes e trazido para Portugal na primeira invasão.

Não se sabe quando Opiá falleceu nem quando a sua viuva passou a fabrica a um antigo aprendiz do marido, de nome Manuel Francisco Monteiro, o qual mandou construir varios teares para algodão, de que ainda hoje se conservam dois, habilmente modificados para seda pelo actual mestre da fabrica sr. José Vieira da Silva.

Tendo fallecido Francisco Monteiro, substituiu-o o sr. Antonio Nunes Freire, que pelos annos de 1875 ou 1876 se viu forçado a suspender os trabalhos por falta de recursos.

Passados vinte e cinco annos, em 1900, a firma Marques & C.ª, tendo á sua frente o socio sr. Domingos Marques Cardoso, iniciou os trabalhos para a nova fabrica, adquirindo as antigas installações e mandando vir de fóra as machinas que empregam, á excepção dos dois teares modificados a que acima alludimos.

No curto espaço de um anno os productos que se fabricam e os já fabricados, cujas amostras vimos artisticamente expostas nos escriptorios, são um alto elogio do trabalho nacional e da iniciativa dos proprietarios da fabrica, que fizeram renascer em Lisboa uma industria de tão largas tradicções entre nós e ainda no proprio local onde no seculo XVIII a actividade pombalina fez erigir as fabricas de sedas, que tanta nomeada grangearam.

A fabrica dos srs. Marques & C.ª, cuja marca registada é uma aguia, com a legenda «Sempre Melhor» é hoje a primeira no seu genero e os seus productos rivalisam perfeitamente com os similares estrangeiros.

O fabrico divide-se por seis secções, sendo o machinismo de systema portuguez e francez e empregando trinta operarios d'ambos os sexos.

Na primeira secção fabrica-se atacadores para sapatos ou botas, cordão para espartilhos, cordão para reposteiros em varias cores, e cordão para differentes applicações; *soutaches* em seda, seda e lã, seda e algodão, e tranças de lã e algodão.

Além das machinas respectivas, em numero de vinte e quatro, trabalham tambem nesta secção uma dobadoira para algodão e um tear que fabrica seda para vestidos.

Na segunda secção ha quatro teares. Em tres d'elles fabrica-se fitas de gorgorão para chapéos de homem. Ha-as de 6, 8, 10, 12, 14, 16, e 18 linhas de largura. O outro tear fabrica fitas de *faille*, n.os 3 e 5 com *canellé*, ou ouréla assetinada, e que se usa muito em confecções.

Na terceira secção ha egualmente quatro teares. Num fabrica-se galões de seda em diversas côres. Noutro faz-se fita *glacé*, n.os 4 e 5, com ouréla de setim. O terceiro produz a mesma fita, mas sem ouréla, destinada a bonets á marinha. O ultimo fabrica fitas de *faille* n.os 6, 9 e 12, proprias para condecorações, e galão de marinha, assim conhecido por se applicar nos chapéos armados. Com este tear, que é de systema francez, consegue-se um trabalho perfeitissimo.

Na quarta secção ha 3 teares, sendo um para galão de seda misto, isto é, de teia urdida em seda e de trama em algodão, fabricando se de todas as côres. Outro tear fabrica fitas de gorgorão de 18 e 20 linhas de largo, de superior qualidade, para chapéos de homem. Este mesmo tear produz tambem galão de marinha de menores larguras.

No terceiro tear fabrica-se fitas *glacée* de varias côres, das larguras n.º 7, 9, 12 e 16, as quaes são destinadas a corôas, ramos, etc.

Na quinta secção ha uma machina para fabricar as agulhetas que se usam nas pontas dos atacadores. É a unica fabrica d'este genero em Portugal. A folha metallica, preta ou amarella, depois de cortada em tiras numa especie de *guilhotina*, passa para aquella machina, onde entra em tres canaes verticaes. Por cada volta que se dá, á manivella ou ao pedal, são cortadas, recurvadas e furadas seis agulhetas. Pode produzir n'um dia 300 a 400 mil agulhetas, applicando-se uma pequena parte nos productos da fabrica e entregando-se o resto ao commercio em elegantes caixas redondas, contendo cada uma 125 grammas de agulhetas. Nesta secção ha ainda uma pequena machina com que se applica a agulheta ao atacador. Na industria particular, taes como sapateiros, etc., usa-se uns pequenos alicates para a applicação das agulhetas, devendo notar-se que as da nova fabrica se collocam mais facilmente que as extrangeiras, pelo que são muito procuradas.

Na sexta secção, fabrica-se cordão de seda. Emprega duas machinas de systema muito moderno e accionadas por um motor a gaz, que tambem dá movimento aos vinte e quatro engenhos de cordão de algodão. Cada machina faz dois comprimentos de 30 metros cada um, podendo produzir n'um só dia 2:500 a 3:000 metros. Alem das côres, que se variam conforme as encommendas, fabrica-se tres especies de cordão vulgarmente designadas: de *duas pernas*, de *tres pernas* e *cordão crespo*, ou de tres fios, mas em que apenas dois se torcem em sentidos inversos á volta de um que lhes serve de eixo.

As dependencias da fabrica são constituidas pelas officinas de dobar, dobrar e urdir.

Na officina de dobar a seda emprega-se um engenho de systema francez, que é artistica e mechanicamente muito interessante na sua relativa simplicidade. Consta de uma meza circular, cujo tampo tem o centro de vidro forrado por um tecido verde afim de não ferir a vista da operaria, e superiormente estão collocadas em volta 16 dobadoiras ou *parábolas* giratorias, que communicam com outros tantos carrinhos collocados inferiormente em torno do tampo. Posta na parabola a meada que se quer dobar e levada a ponta ao pequeno carro inferior, este, girando, puxa o tenue fio, que vem passando por um annel de vidro, seguro n'um vae-vem regulador do enchimento do carrinho. Depois de cheios são os carrinhos entregues no armazem, d'onde saem para as urdideiras.

No seu conjuncto o engenho de dobar seda é uma bella peça, solidamente construida, com magnifica madeira. Uma unica operaria, com a ponta do pé, faz girar a meza e põe em movimento todas as parabolas e carrinhos, dobando ao mesmo tempo dezeseis meadas, que, quando são de differentes côres, produzem um lindo effeito pelo seu brilho e diversidade.

Ha tambem n'esta officina umas rodas para encher de algodão os *canêlos* que servem nos apparelhos da primeira secção. Estes *canêlos* é que teem o fio de côr, que por um movimento circular se enrola e cobre a *alma* do cordão, que assim se chama aos fios que sobem de um carreto grande em baixo do apparelho e que pelo seu maior ou menor numero dão a necessaria grossura.

Ainda n'esta dependencia se dobram as fitas, promptas para o commercio.

Nas officinas de urdir, que são duas, cada urdideira compõe-se da *cantara* ou *esquinadeira*, quadro vertical, onde estão os carros com o fio, que d'ahi é puxado pela urdideira.

Logo que a teia está prompta é retirada da urdideira e, enrolando-se n'um carro grande, vae para o tear.

Tem sido esta fabrica zelosamente administrada, como o provam a sua producção de um anno e os lisongeiros resultados obtidos em tão curto lapso de tempo. Se bastante contribuiu a habil direcção technica, a cargo do sr. José Vieira da Silva, proficiente mestre geral, e de sua mulher sr.ª D. Beatriz Vieira da Silva, como mestra do pessoal feminino, egualmente á administração se deve muito do progresso da fabrica.

De umas para outras secções passam tanto as materias primas como os productos por conta pezo e medida. Das urdideiras, por exemplo, vão as teias a pezar ao escriptorio e do seu pezo se deduz, por tabellas especiaes, o comprimento em metros. D'ahi passam aos teares, que devem apresentar o trabalho determinado, sem duvidas nem possiveis quebras, que tanto prejudicam na satisfação das encommendas, no apuro de responsabilidades, ou permittindo desvios de materia prima tão preciosa como a seda. Só em rama, um kilo da finissima substancia textil pode valer réis 20$000.

D'aqui se deprehende quanta importancia tem para os proprietarios e até para os empregados uma perfeita fiscalisação, que não facilite fraudes e, ao contrario promova a prosperidade do estabelecimento. E' pela administração que muitas das nossas fabricas teem peccado, provocando nos capitaes o mais avaro retrahimento para qualquer empreza industrial.

Seja-nos licito escrever aqui o nome do activo e dedicado administrador e guarda-livros da fabrica, sr. Henrique Anjo da Guarda Moreira.

Em companhia d'este cavalheiro e do sr. Marques Cardoso e de sua ex.ma esposa, sr.ª D. Bernarda Nunes Cardoso, percorremos todas as secções da nova fabrica, recebendo os mais interessantes esclarecimentos sobre o machinismo, pessoal e productos fabricados.

Depois de visitadas pelos representantes da imprensa todas as officinas, foi-lhes servido um delicadissimo copo d'agua, no vasto telheiro da fabrica, que se encontrava artisticamente adornado com plantas, flôres e bandeiras, fazendo-se ouvir durante a refeição um agradavel sextetto.

Ao champagne trocaram-se os mais affectuosos brindes de parte a parte.

Findo o lunch, uma commissão de empregados da fabrica veiu offerecer ao sr. Marques Cardoso um retrato seu, feito a crayon, ricamente emmoldurado, e duas photographias, sendo uma dos empregados do escriptorio e outra de todo o pessoal operario.

Foi uma surpreza que muito penhorou aquelle arrojado industrial e emocionou suavemente quantos assistiam a esta demonstração de sincero apreço.

Em seguida os operarios tomaram logar á meza, sendo-lhes servidas as iguarias e os vinhos que ali estavam. Trocaram-se novamente muitos brindes, tão espontaneos como calorosos.

A' noite, realisou-se no mesmo local, então profusamente illuminado á veneziana e á moda do Minho, um sarau dramatico por amadores, para o que tinha sido improvisado ao fundo um elegan-

te palco. Ahi recitaram grande numero de monologos e poesias varios amadores, que foram muito victoriados. Um tercetto do grupo *Anjo da Guarda*, assim intitulado em homenagem ao guarda livros da fabrica, cantou uma graciosa cançoneta, sendo delirantemente applaudido.

Nos intervallos fez-se boa musica, tocando ao piano algumas das senhoras presentes.

Convidados tambem a assistirmos a este sarau, guardamos de tão brilhante e encantadora festa a mais grata recordação.

O sr. Marques Cardoso e sua ex.ma esposa foram inexcediveis de attenções para com os seus numerosos convidados, fazendo com requintada amabilidade e captivante cortezia, as honras da casa.

No dia seguinte esteve a nova fabrica exposta ao publico, que teve ensejo de verificar os progressos alcançados entre nós por uma industria tão interessante e cuja tentativa de renascimento nunca nos cansaremos de louvar.

E. P.

NA MORTE DE UM POETA[1]

I

Passa um Poeta no esquife e baixa á cova...
E a prantea-lo vão, na despedida,
Quantos o viram sem lhe dar guarida,
Nem esse amparo que o vigor renova...

Vão seus labios resando a ultima trova,
Sua alma cheira a cravos, de florida,
E aquelles que o odiaram toda a vida
Em pranto o vão seguindo á Vida-Nova...

Choram por Elle as flores e as creanças,
Vão lhe poisar na cova as pombas mansas,
E o Céo, em risos, só lhe inveja a sorte...

Para Elle só ao sol-posto é que é sol nado...
Assim, Poetas, é o nosso fado!
Assim vivemos só depois da morte!

II

Para o Poeta nasce-lhe o destino
Da Terra ingrata que não cria flores...
Tem por docel o céo das suas dores,
Por amparo um bordão de peregrino...

Segue-lhe a vida a voz dos salteadores,
Sae-lhe ao caminho o Mal, de olhar ferino,
E assim todo o seu riso cristalino
Evoca mágoas em logar de amores...

Mas vem a Morte e a lua resplandece.
O odio dos maus transforma-se em amor
E a Gloria beija o Poeta que adormece...

Por isso a gente, olhando a nossa Dôr,
Levanta os braços hirtos, n'uma prece,
E tem vontade de morrer, Senhor!

Ribeiro de Carvalho.

UM BOM RAPAZ

POR

Biornstierne Biornson

I

INFANCIA

Eyvind entrou cá no mundo aos gritos, como é costume; mas logo que lhe passaram pelo corpito uma esponja e o puzeram aos peitos da mãe, fez uma careta que toda a gente disse que era um riso. A alegria prematura ainda recresceu quando á noite accenderam as velas. Como lhe sustivessem a manita que atirava para o castiçal, poz-se a chorar. Era coisa extraordinaria, tanto que a mãe disse logo.

—Este pequenito ha de ir longe.

Entre a casa e o mar havia umas rochas aridas, pouco elevadas; mas entre o sopé das rochas e a casa crescia uma linda matta. Gingeiras bravas semeavam a neve de suas flores sobre o telhado que pinheiros e vidoeiros cobriam da mais fresca sombra. Sobre o telhado humilde andava sempre brincando uma cabrinha de apetite. Era a amigasinha do Eyvind, que, com medo não fosse ella perder-se pela matta, não a deixava ir pastar sósinha e, tres vezes por dia, lhe trazia ervas e folhas. Entretanto, uma bella manhã, fugiu-lhe. Eyvind, foi dar pela falta e logo assustar-se com a raposa. Chamava por ella:

—Killy!... Killy!...

Lá do alto do monte respondia a cabra:

—Mé!...

E de longe avistou a amiguinha a pastar entre dois vidoeiros e ao lado da cabra uma pequenina de joelhos:

—Esta Killy é tua? perguntou.

O Eyvind ficou-se atarantado como se lhe falasse a rainha. D'olhos pasmados, bocca aberta e mão na algibeira das cuecas, respondeu:

—Como te chamas?

—Marit. O meu avô é o Ole Nordistuen. Sou o demonico do grande casal de Heid e d'aqui a pouco vou fazer quatro annos, porque parece que vim cá a este mundo quando começou a fazer frio.

—Serás isso que me dizes? disse o Eyvind com um grande suspiro. Falas tão bem!

—Então a cabra é tua? continuou a pequenina.

—É.

—Gosto tanto d'ella! Dás-m'a?

—Não, isso não dou; não quero

A pequenina poz-se a bater com o pé no chão.

—E se eu te desse um bolo de manteiga?

O Eyvind era filho de gente pobre e de goloseimas, já se vê, pouco farto.

—Deixa primeiro ver o bolo, disse baixinho.

—Olha.

O bolo cahiu no chão e partiu-se, mas elle apanhou os bocados e não resistiu a provar o mais pequenino.

Pareceu-lhe tão bom, que provou outro e, sem dar por isso, deu cabo do bolo todo.

—Agora é que sim, a cabra é minha! gritou a pequena.

O Eyvind olhou para ella, ainda de bocca cheia, vendo-a a passar os dedos pelo peito do lindo bichinho, que era branco como leite, com o resto dos pêlos todos negros.

—Não a vais levar já, já, não? perguntou o rapazinho a choramigar.

Poz-se a rir.

—É minha! é minha! gritava saltando e a dar palmas.

Pegou n'uma liga e atou-lh'a ao pescoço.

—Vem... vem!... Killy!... Kylli!... dizia. Vais ficar na minha casa e de todos os pratos bons hei de levar-te um bocadinho no meu avental.

A cabra seguia-a, sempre com *més!* e olhando de soslaio para o amo que não tugia nem mugia. Tratava da cabra desde o outro inverno e nunca teria supposto perdel-a um dia. Mas agora bem sabia que não tornaria a vel-a.

A mãe veio dar com elle, sentado na erva, de pernas encruzadas.

—Porque estás para ahi a chorar?

—A minha cabra!... a minha cabra!

—Que é d'ella?

—Nunca mais lhe ponho a vista!

—Valha nos Nosso Senhor! Foi a raposa que a levou.

—Isso era bom, se fosse a raposa!

—Tu não sabes o que dizes! Que é da Killy?

—Vendia-a por um bolo de manteiga!

—Ai, Eyvind, disse a mãe, em que conta te ha ter a cabrinha que vendeste por um bolo?

O rapaz estava envergonhadissimo; parecia lhe que nunca mais podia ter alegria.

Tanto chorou que adormeceu ao pe das rochas e sonhou com a cabra que tinha ido para o céo.

Elle tinha sido condemnado por sua feia acção a ficar em cima do telhado até ao dia de juizo.

A cabrinha estava contentissima, porque pastava na arvore d'oiro, mesmo ao pé de Nosso Senhor.

Nosso Senhor lá estava, n'um trono de nuvens, de barbas muito grandes, tal como na capa do Catecismo. E dizia:

—«Quem foi o menino mao que vendeu esta cabra por guloseima?»

De repente Eyvind sentiu um bafo humido n'um ouvido e acordou... era a cabra.

Pegou-lhe nas patas e poz-se a dançar com ella, tão contente que ao principio nem deu pela Marit, que se sentára ao lado d'elle.

—Foste tu que a trouxeste? perguntou.

Ella estava desesperada e poz-se a arrancar erva.

—O avô não quer que eu fique com ella. Esta lá em cima a minha espera.

Uma voz muito grossa retumbou lá no alto do monte.

—Marit!... Marit... Já fizeste o que eu te mandei?

A pequenina pegou na mão de Eyvind e disse, baixinho:

—O avô disse-me que te pedisse perdão.

Depois não teve animo para mais; poz-se a chorar e aos beijos á cabra.

—Antes quero que a leves outra vez do que ver-te chorar, disse Eyvind.

—Marit!... Marit!... gritou a voz grossa.

A pequenina obedeceu. Foi se embóra muito devagarinho

Eyvind correu atraz d'ella.

—Olha que te esqueceste da liga.

A pequenina olhou para traz, pensou um instantinho, e com voz sumida respondeu:

—Guarda-a.

Por sua vez elle pegou-lhe na mão e disse lhe:

—Obrigado.

(Continua).

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

CAPITULO V

Meteoros electricos

Foi Franklin o primeiro que attribuiu o relampago a phenomenos electricos da atmosphera. A experiencia foi feita em 1752, perto de Philadelphia, por meio de um papagaio de papel armado de uma ponta metallica. Preparou dois pedaços de madeira em cruz, um lenço de seda e uma corda de certo comprimento, e em occasião de trovoada, tentou a experiencia. Uma nuvem que elle julgava produzir os effeitos desejados, não deu resultado. Outras, no emtanto, avançavam. Nada indicava a existencia de electricidade aerea; no fim de algum tempo, porém, alguns filamentos de corda, levantaram-se como que repellidos. Animado com este resultado, approximou um dedo junto d'esses filamentos, d'onde resultou uma faisca, seguida de varias.

As experiencias teem demonstrado que:

1.º A electricidade é constante na atmosphera. Segundo Palmièri, esta electricidade é positiva sempre que, perto do logar da observação, não chova, nem caia neve ou saraiva.

2.º A electricidade augmenta com a humidade relativa, sendo maxima na occasião em que cahe chuva, neve ou saraiva.

3.º Não havendo nuvens, a electricidade augmenta com a altitude. A queda da chuva produz uma forte manifestação de electricidade positiva, cercada de uma zona de electricidade negativa e ainda envolvida por outra, positiva.

A causa mais geral da electricidade é, segundo Pouillet, a evaporação.

A influencia da electricidade positiva, determina nas regiões polares uma condensação contraria de electricidade negativa.

As auroras boreaes são devidas a duas tensões oppostas; é uma reconstituição de equilibrio pelas duas tensões contrarias da atmosphera e do solo; por isso, são em geral, as auroras boreaes acompanhadas de correntes electricas circulando no Sol, a uma distancia tal que os movimentos da agulha magnetica indicam, em Lisboa, uma aurora presenciada na Suecia ou Noruega. A aurora boreal é o phenomeno luminoso que, com o seu explendor, dá luz ás enormes noites polares, substituindo o sol.

No nosso paiz, são raras; ao norte da Europa e America são frequentes. A partir do paralello de 70º não se passa, em geral, uma noite, sem que haja, pelo menos, alguns indicios da aurora boreal. De 12 de setembro de 1838 a 18 d'abril de 1839, Bravais observou, na Laponia, nada menos do que 153 auroras boreaes.

Para que estas sejam viziveis, é necessario que o sol tenha uma depressão de 8º a 9º, abaixo do horizonte.

Apresentam-se sob dois aspectos diversos, o arco e o raio. O arco é separado do horizonte, por um segmento que se nos apresenta com uma côr escura. E', em geral, de um branco brilhante, passando algumas vezes ao azul ou amarello esverdeado, sendo o bordo inferior nitidamente desenhado, emquanto que o superior se confunde com a luz que illumina o resto do firmamento.

Muitas vezes, apresenta-se-nos a aurora boreal, sob forma de grandes raios brancos que sobem do horizonte ao zenith, se dividem, ou se apresentam

[1] Do livro *Terra de Portugal* — Porto, 1901.

sob forma de cortinados brilhantes como que agitados pelo vento.

Nenhum ruido acompanha o phenomeno. Exercem as auroras boreaes, effeitos sensiveis na agulha magnetica, desviando-a da sua direcção habitual, desvio que se acha em relação com a intensidade do phenomeno.

E' esta uma das formas porque se manifesta a electricidade atmospherica. Da electricidade positiva da Atmosphera, resulta um egual estado para as nuvens, embora haja nuvens negativas. Muitas nuvens electrisadas positivamente, em presença de altas montanhas, modificam a sua electricidade, retomando a electricidade negativa d'estas. Como a pressão e a temperatura, a electricidade atmospherica é maxima das 6 ás 7 horas da tarde no verão, e cerca do meio dia, no inverno. O minimo, regula das 5 ás 6 horas da tarde no verão, e ás 3 horas da tarde, no inverno. Um segundo maximo é notado ao pôr do sol, diminuindo de novo até ao nascer do sol. Esta oscillação deriva do estado hygrometrico. do ar. Na variação annual, o maximo é attingido em janeiro, e o minimo, em julho.

Quando uma nuvem electrisada passa sobre as nossas cabeças, e se desfaz em chuva, o ar pode accusar electricidade negativa, antes e depois das chuvas, consoante a carga da nuvem.

Se designarmos por P o peso da atmosphera, e p o do nosso corpo será: $\frac{p}{P}$, a relação entre os dois pesos. Se fizermos variar P e o tornarmos duas vezes menor, a relação será de:

$$\frac{p}{\frac{P}{2}} = \frac{2p}{P}$$

Por conseguinte, o quebrado tornar-se-ha duas vezes maior. E' o que realmente succede com a relação entre o nosso peso e o da atmosphera. D'aqui deprehendemos que, á maneira que a atmosphera se torna mais leve, a relação torna-se successivamente maior, o que faz parecer que esta se tornou mais pesada. Manifesta-se a trovoada pelos relampagos.

O *relampago* é uma faisca electrica que faz communicar duas nuvens, ou uma nuvem com o solo. Estes teem, muitas vezes, a forma de zigzags, mas que algumas vezes se bifurcam na sua extremidade. Outras vezes são reflexos que abraçam parte do horizonte, sendo estes mais vulgares do que os primeiros. Emfim, outros teem a forma de massas luminozas arredondadas atraves-

Fig. 12

Seja A, B, C, D, E, o solo que se suppõe neutro. A camada de ar A' B' C' D' E' parallela ao solo está electrisada positivamente, na ausencia de nuvens. A camada A'', B'', C'', D'', E'', em eguaes casos, tem a mesma electricidade. Passa uma nuvem B' C' D' positiva, mas com electricidade superior á do ar do ambiente; immediatamente a camada de ar mais proxima se electrisa negativamente. A nuvem avança e as indicações do electrometro são successivamente menores, em breve nullas, e por fim accusando electricidade negativa. Chove. Por este facto, de novo se manifesta a electricidade positiva. O mesmo phenomeno reproduz-se, cessando a chuva, quando a nuvem passe. Como temos observado ha duas especies de electricidade: positiva e negativa.

Convencionou-se chamar electricidade *positiva* á que se desenvolve no vidro friccionado com a lã, e electricidade *negativa*, a que se desenvolve na resina, egualmente friccionada com a lã. D'ahi, o designarem-se tambem por electricidades: vitrea e resinosa.

Os electometros são os apparelhos utilisados para se reconhecer se os corpos estão ou não electrisados. Pertence á physica este estudo, e, por conseguinte, não o desenvolveremos.

Nem sempre a electricidade atmospherica se manifesta pelas trovoadas. Quando a electricidade das nuvens se accumula, condensa e satura as nuvens, é que a trovoada se manifesta.

Algumas trovoadas são devidas aos cyclones e chegam-nos já formadas do Atlantico, outras vezes, formam-se sobre as nossas cabeças, estacionando.

N'essas occasiões nota-se, em geral, uma baixa lenta e continua do barometro. A atmosphera está irrespiravel, notando-se temperatura elevada. E' vulgar dizer-se que a atmosphera se encontra, em occasiões taes, muito pesada, mas succede o contrario. O ar está abafado, mas não pesado. O peso do nosso corpo sendo constante, variando o peso da atmosphera, consoante a pressão, é claro, que o peso do nosso corpo parece egualmente variar, tornando-se o peso da atmosphera menor, o desequilibrio que existe entre este peso e o nosso torna-nos mais pesados.

sando a atmosphera. Os relampagos sahem geralmente da parte inferior das nuvens. Na occasião dos relampagos é facil conhecer-se o contorno das nuvens, parecendo que um feixe de luz, illumina as suas extremidades. São, muitas vezes, os relampagos acompanhados de um cheiro sulphuroso pronunciado. Na occasião de trovoadas, ha sempre na atmosphera, producção de *ozone*, de cheiro semelhante ao produzido pela inflammação do enxofre. E' a este facto que se attribue o cheiro sulphuroso que se nota nas occasiões das trovoadas. E' varia a côr dos relampagos, que em geral são brancos, havendo-os egualmente amarellados, violetas etc., consoante a quantidade d'electricidade que atravessa o ar, a sua densidade, humidade, e substancias em suspensão. Os relampagos violetas annunciam trovoada em altas regiões.

A extensão dos relampagos é enorme. Petit mediu em Toulouse, relampagos de 7 kilometros, Aragó, achou-lhes um comprimento de 12 a 16 kilometros.

O relampago de calor, ou sem trovão, observados nas noites calmosas, é attribuido a nuvens abaixo do horizonte.

(Continúa). *Antonio A. O. Machado*

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca amena *N.º 1 Amôr d'outomno por André Theuriet — Traducção de Annibal Passos N.º 2, Ruth por F. Lafargue, traducção de Annibal Passos — Centro Internacional de Publicações de Arnaldo Soares — Porto, 1901.*

Teve o sr. Arnaldo Soares, proprietario do *Centro Internacionnl de Publicações* no Porto, a boa idéa de encetar uma bibliotheca romantica, a que poz o titulo de *Bibliotheca Amena*, inaugurando-a com os romances acima indicados.

Amor d'Outomno é um lindo romance descriptivo, que, sem um enredo muito complicado, consegue offerecer leitura sã e agradavel. Os conceitos philosophicos, tão graciosos e verdadeiros, augmentam o valor do romance. Um solteirão, já no outomno da vida e com uma mocidade cheia de aventuras, enamora-se de uma joven que lhe corresponde. Presentindo todavia o ridiculo da differença d'edades elle reage contra a paixão que o avassala; mas sabendo que é amado resolve-se a desposar a joven. Mas eis que uma das antigas ligações vem ao conhecimento da donzella, que surprehende uma entrevista occasional e se julga trahida, não acceitando sequer as justificações que o noivo lhe quer apresentar. Assim termina o romance, obra mais litteraria e philosophica do que romantica, mas deveras encantadora.

Ao contrario, o romance *Ruth* é muito animado, vivo, dialogado, com as mais interessantes scenas, todos os predicados necessarios para prender o interesse do leitor, empolgando-o fortemente. O talentoso auctor, paraphrazeando o episodio biblico de Ruth e Noémi, offerece-nos um romance agradabilissimo, emocionando docemente. Pode recommendar-se affoutamente a leitura de qualquer dos volumes da *Bibliotheca amena*, e d'este elogio participam o editor e o traductor, sr. Annibal Passos, que portuguezmente os trasladou dos originaes.

Cada volume em letra grande, bom papel e nitida edição, custa apenas 200 réis.

Diccionario de technologia aduaneira *para Portugal e Brazil por José Augusto da Silva Sampaio —*

Já se encontra completo o segundo volume d'esta importante obra, alcançando á letra *Cev*, e do terceiro acabamos de receber até á caderneta oitava. Como se sabe o *Diccionario de technologia aduaneira* é uma verdadeira encyclopedia de todas as mercadorias ou productos da industria e actividade humanas, dando-nos, de cada uma, a definição precisa, os diversos nomes por que é conhecida, suas propriedades e caracteristicas, natureza e composição, differentes processos de fabrico, logares das producções e regiões de procedencia, suas applicações ou emprego, alterações e falsificações e meio de as verificar, e ainda o modo generico ou designação pela qual esse producto se acha enumerado nas pautas de Portugal e Brazil ou nas dos principaes paizes estrangeiros.

O primeiro volume brochado custa 3$200 réis, e o segundo 3$400 réis. A'venda no escriptorio da empreza do Occidente, Largo do Poço Novo, Lisboa.

Revista Telegrapho—Postal—*publicação quinzenal illustrada, litteraria e scientifica, de informação e recreio para portugal e Brazil—Lisboa—1901.*

Esta interessante revista tem por directór o sr. Bernardo Maia e redactores: João Henrique dos Santos, José Thomaz Ribeiro, Augusto A. Pedro dos Santos, Adelino Lopes Carreira, Victor José da Cal e Cypriano A. Sá Machado. Insere grande numero de artigos sobre a especialidade a que é dedicada, sendo alguns acompanhados de illustrações.

Revista de Sciencias, lettras e artes —*Lisboa-1901.*

O 1.º numero d'esta Revista mensal, orgão do Real Instituto de Lisboa, insere os seguintes artigos: «Sobre a a applicação do hyperboloide de uma folha de quarta ordem, como superficie auxiliar», por Alfredo Schiappa Monteiro; «Valor dos diagonaes de qualquer polygono regular» por Antonio Cabreira; «Energia e Relativismo», por Almeida Lima; «O azul methylene nas febres palustres nas creanças», por João Augusto de Freitas (Dr.); «Guerras medicas» por J. Bivar de Souza e «Reflexos da Historia humana» por Dias de Sousa. A Revista publica tambem o Boletim do Real Instituto de Lisboa.

Cada numero abrange 32 paginas, e para os membros do Instituto custa apenas 100 réis.